

Bird manda missão para discutir financiamentos

Chegará ao Brasil na próxima semana um delegação técnica do Banco Mundial — Bird — para discutir com o governo os projetos que comporão o programa de financiamento do Banco para o ano fiscal julho 87/junho 88. O governo deseja financiamentos no montante de US\$ 2 bilhões, mas até agora os projetos apresentados somam apenas US\$ 371 milhões, considerando-se que dificilmente haverá tempo para aprovar cerca de US\$ 1,7 bilhão em novo projetos.

Os próprios técnicos da área econômica que usualmente negociam projetos com o Banco Mundial acreditam que, na hipótese, altamente improvável, da aprovação de todas as propostas de financiamento em pauta, os financiamentos adicionais não ultrapassariam os US\$ 1,2 bilhão. No entanto, a obtenção de empréstimos no montante de US\$ 2 bilhões é essencial ao equilíbrio das contas do balanço de pagamentos.

DIFICULDADES

O atraso na negociação dos projetos passíveis de obter financiamentos do Banco Mundial foi uma das causas das divergências entre os ministérios da Fazenda e do Planejamento, na gestão do ministro João Sayad. Enquanto a Seplan argumentava que a demora da Fazenda em definir a política de reajustes tarifários constituía um obstáculo às negociações com o Bird, que exigia a garantia de um razoável nível de retorno dos investimentos em aplicações, sobretudo na siderurgia e na energia elétrica, a Fazenda reclamava do imobilismo da Seplan.

Com a decretação da moratória pelo Brasil, as negociações com o Banco Mundial praticamente foram suspensas. Somente agora, com a ida do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, a Washington, foi acertada com o presidente do banco, Barber Cona-

ble, a retomada das negociações, com a vinda de uma missão técnica ao Brasil.

Na opinião de técnicos do governo que lidam com o Banco Mundial, é provável que, ao invés de recursos adicionais, o Brasil acabe transferindo mais recursos ao banco do que recebendo, ou seja, as remessas à conta de amortizações e juros (o Bird ficou de fora da moratória) seriam superiores à entrada líquida de recursos.

SEM INTERLOCUTOR

Além de todos esses problemas, a extinção da Subin (Assessoria Internacional da Seplan) acabou deixando as instituições internacionais de crédito sem interlocutores oficiais no Brasil, nas três últimas semanas. E que a atribuição de lidar com essas instituições passou da Seplan para a Fazenda, mas este ministério ainda não se organizou para conversar com os representantes dos bancos multilaterais como o Bird e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Contudo, é provável que, chegando ao Brasil na próxima semana, os técnicos do Banco Mundial já encontrem assessores do embaixador Alvaro Alencar, chefe da Assessoria Internacional do Ministério da Fazenda, prontos para o diálogo. Se houver algum atraso na retomada das negociações, por despreparo dos interlocutores brasileiros, ficará ainda mais difícil aprovar o pacote de projetos desejado pelo governo.

Por último, vale salientar que o Banco Mundial exige, cada vez mais, uma participação maior no acompanhamento da estratégia econômica seguida pelo País. Não se trata de um monitoramento nos moldes do exercido pelo Fundo Monetário Internacional — FMI — mas o Bird deseja saber se o país devedor está seguindo políticas consistentes.